

play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. give. think. cry. have.
do. lie. beg. hold. sob. speak.
consume. pull. submit. push.
close. pray. bleed. shudder.
weep. tend. soak. revel. kiss.
swing. rock. tell. sway. hum.
surrender. stand. eat. offer.
push. burn. resist. spread.
promise. revel. accept. soothe.
play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. cry. open. feel.
breathe. sigh. sing. moan. vow.
deny. tease. burn. cry. crave.
do. lie. beg. hold. sob. speak.
consume. pull. submit. push.
close. pray. bleed. shudder.
weep. tend. **Rachel.** revel.
kiss. swing. rock. tell. sway.
surrender. stand. eat. offer.
push. carry. take. be. spread.
promise. revel. accept. soothe.
play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. give. think. cry. have.
do. lie. beg. hold. sob. speak.
consume. pull. submit. push.

Songs of Dominance
Three CD **Reiss**

Rachel

Songs of Submission #5.5

Songs of dominance #2-2

C.D. Reiss

Sinopse:

Rachel:

Será que pessoas como você sempre têm desejos, Jonathan?

O que significa isso? Pessoas como eu?

Pessoas que têm tudo. Já houve alguma coisa que você queria, mas apenas pode desejar?

cel

I ❤️
Books

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo CEL de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo CEL tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo CEL de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Setembro/2013

cel

I ♥
Books

*Proibido todo e qualquer uso
comercial*

Se você pagou por esta obra,

VOCÊ FOI ROUBADO.

Cantinho
Escuro dos Livros

Ressalva: Não é necessário ler esta história para compreender o restante da série.

Esse livro é estritamente suplementar.

Ele deve ser lido depois Burn, e antes Resist.

Rachel

Eu odiava a palavra *enfeitado*.

Enfeitado implicava em uma espécie de dança da família do velho mundo ao redor das fitas, drapeados sobre as lâmpadas e portas, pegando as flores quando elas caem de seu cabelo. Isso trouxe à mente, o teatro musical com as saias balançando. Parecia a suíça Família Robinson. Mary Poppins. Os Waltons. Boa noite, garoto Jon.

Apesar do sabor amargo na frente da minha língua e um amargo na parte de trás, *enfeitado* era a única palavra que se adequava a casa sobre isso, no dia da minha festa de noivado. Eu queria beber muito mais do que podia. Eu queria tomar a garrafa de Jameson. Eu sabia que minha mãe se escondia debaixo de sua vaidade e sentava em um canto para tomá-la. Eu queria chupar o gelo. Mas eu não fiz isso. Enquanto eu bebia, eu segurava o copo e bebia até que o gelo derretesse, nunca terminando antes. Então eu acabava e esperava para receber outro. Eu não tinha bebido desde que eu tinha dezesseis anos.

E se eu bebesse aquela garrafa? Quem se importaria, senão a minha noiva, Jessica? Ou, mais precisamente, cuja opinião eu valorizo além da dela? Para quem mais eu sirvo?

Ela queria este evento, e ela conseguiu. Eu não podia negar-lhe nada, e realmente, isso não era um negócio tão grande para uma festa. Não foi nada mais do que reunir uma equipe de pessoas do Hotel A para cercar a casa do meu pai para uma *festança*, enviar convites para as pessoas certas, e se certificarem de que havia comida. Minha equipe era especialista em gerenciamento de mulheres com extremo bom gosto, como a minha futura noiva. Não era nenhum fardo para mim de qualquer forma.

O fardo estava em fazer o noivado na casa do meu pai. O fardo estava em explicar-lhe que o casamento seria na residência do meu futuro sogro, em Veneza, e que sua presença não foi solicitada.

Há razões para tudo isso, é claro, apesar de não ser a menor delas. Compreendi o rancor e, até mesmo gostei na ocasião, derramado sobre cubos frios de culpa com um caçador de remorso. Mas este rancor era muito velho e muito feio de desfrutar.

— Aí está você. — A voz de minha mãe veio atrás de mim. Eu estava olhando para o quintal, observando o grupo de funcionários prontos para o fluxo de pessoas. — Você já viu a Jess?

— Ela está fora com minhas irmãs fazendo manicure. Algo de bom gosto, tenho certeza. Não precisa se preocupar.

Mamãe colocou as mãos sobre meus ombros, as mãos escovaram o tecido me livrando de algum fiapo imaginário. — Você está feliz?

— Por que você pergunta?

— Você parece desanimado. É Jessica?

— Não.

— Aquela coisa com o seu pai? — Mamãe não parecia preocupada tanto quanto agradável. Ela tinha aperfeiçoado aquele olhar inofensivo há mais de quarenta anos, e o usava bem sob a leve maquiagem e um coque loiro.

— Sim.

— Ele chegou a um acordo.

— Isso encerrou? Eu preciso de uma bebida.

Ela enrolou seu braço no meu e nós caminhamos para fora.

Meu pai realmente nunca tinha entrado em acordo com qualquer coisa na sua vida, nunca. Ele se sentava e esperava até que as oportunidades aparecessem. Ele era totalmente não agressivo como um gato é absolutamente ainda fora do buraco de um rato, esperando que o roedor se esquecesse que ele foi preso ou ficasse com fome o suficiente para arriscar tudo e ir embora.

A arrumação da festa estava indo bem, as pessoas em smokings e vestidos pretos vadiando com um propósito. As cercas vivas tinham sido cortadas, a quadra de tênis bloqueada. A piscina tinha sido limpa, repintada e decorada com flores flutuantes. Ninguém me perguntou uma maldita coisa sobre qualquer coisa e se eu gostei que fosse dessa forma. O barman, protagonista de boa aparência, estava arrumando uma fileira de copos. Atrás dele, a majestade, o Oceano Pacífico esticado em uma névoa onde o mar encontrava o céu.

— Ele me disse que entendia — a mãe disse, continuando uma conversa que ela achava que eu queria ter. — Os negócios vão mal e, às vezes, alguém se machuca.

— Está tudo bem, mãe.

— Você deveria conversar com ele sobre isso.

— Hey — eu disse para o barman. — Dois Jameson, com gelo.

— Eu não vou ter nenhum. — Mãe disse.

— Vocês são tudo para mim.

Ela sorriu e socou meu braço. — Jon. Sempre o coringa. Ouça-me. Este silêncio com o seu pai não é produtivo. Quero dizer, ele concordou em ter o seu noivado aqui.

— Você insistiu.

— Para te salvar do constrangimento. Essa coisa com ele me colocou no meio e para ser sincera, é estressante.

Ela sabia como sentir estresse, minha mãe. A gestão da ansiedade era uma forma de arte para ela, exigindo o uso de um coquetel de medicamentos e internações, quando ela calculava mal a sua ingestão com o álcool em segredo. Pobre mãe. Realmente. Uma prisioneira que aceita tudo em uma casa tão grande como uma nação ilhada.

Foi a minha vez de tocar levemente um pedaço imaginário de fiapo em seu ombro. — Ele pegou meus futuros sogros para tudo, explodiu um pedaço disso e passou alguns milhões de volta para eles. Não o suficiente para eles arranjam um advogado decente.

— Foi há doze anos e era um negócio legítimo.

— Legal. Foi legal. Não legítimo.

Apesar dos desmentidos anteriores, ela pegou o copo de uísque, segurando-o, como se fosse um adereço, mas não o colocou nos lábios. Me lembrei que ela bebia vinho e uísque em público, escondida. Eu já estava ficando confuso.

— Eu sei que eles são a sua família agora, os Carneses. Mas não se esqueça de onde você veio, meu jovem.

Como se eu jamais pudesse.

A última festa de família, meu pai e eu tínhamos participado juntos, tinha sido sete anos atrás. Aniversário de Sheila tinha uma infeliz proximidade do Natal, de modo que cada uma de suas festas de aniversário se tornava festas de Natal. Sua casa em Palos Verdes à beira de um abismo sobre o mar. Para cada quilômetro em cada sentido, uma praia tão grande quanto a rua lateral em forma de fita com a base no penhasco. Mas até o final desse ano, a praia desapareceria sob a as marés quando chovia durante 20 dias consecutivos.

Crianças caminhavam em passos incertos, com babás correndo de joelhos por trás delas. Família extensa, a maioria bêbado ou caminhando, inclusive eu, até mesmo aos dezesseis anos. Eu fazia o que eu queria, como todos os meus amigos. Nada poderia acontecer com a gente, que o dinheiro não pudesse corrigir, e que ninguém prestasse atenção.

Eu não tinha autocontrole nesse ponto. Eu era um canhão solto em ataques temperamentais, raivas bêbadas e comportamento arriscado. O último incidente havia sido dirigindo o carro novo, Maserati, do meu pai em South Gate para arrastar meu amigo Gordon para sair de uma casa de metanfetamina. Eu tinha jogado ele no lado do motorista e bati o gás do lado do passageiro para acordar sua bunda de um estado de estupor. Nós tínhamos atingido a lateral do Escalade em uma revendedora, no valor de “quatro mil dólares”, e no final, Gordon tinha voltado direto a usar a droga, mas meu vício de quase morrer havia sido saciado por um mês, pelo menos.

Em seguida, na semana antes do Natal, era aniversário de Sheila. Los Angeles já tinha vinte e dois centímetros de chuva desde que a escola começou. Houve um rumor que no Vale da morte uma flor, uma vez em que na vida, viria a primavera. Meus amigos

e eu estávamos planejando uma viagem no Hummer¹ do Charles apenas para cortar o nosso caminho pelos campos de papoulas.

Eu já estava bêbado, sacaneando com o meu primo Arthur sobre quais ligas da escolas de Ivy íamos passear. Que tinha os melhores clubes, onde os legados eram. Arthur era um babaca. A última vez que eu tinha dirigido abaixo do pôr do sol com ele, ele se inclinou para fora do seu BMW para fazer um barulho para uma menina, que foi ruim o suficiente. Mas quando ela virou, ele gritou: — Cara, eu aposto que há um cara lá fora tão cansado de te comer.

— Arthur, realmente? — Eu me senti com vontade de sair e pedir desculpas a ela, mas a luz ficou verde e fomos embora.

— O que, Jon? Olhe para ela. Toda pernas e merda. Foda-se ela.

Essa foi a última vez que eu saí com Arthur. Mas em uma festa de família, desde que se mantivesse na escola e no beisebol, eu poderia manter uma conversa com ele.

Festa de Sheila se transformou em coisa de família algo tipo evento *foda-se tudo* pré-Natal, e a cozinha ficava lotada. Eu estava cada vez menos inclinado a se mexer. Pessoas que eu conhecia entravam e saíam, a maioria não relacionada a mim naquele momento, e tias e tios me beijaram em adeus e foram embora.

Eu nem sei mesmo o que eu estava bebendo. O bong² estava ao redor. Era de cristal e chumbo e totalmente ilegal, mesmo que não fosse pela raiz, e o líquido interior era licor de absinto.

Apenas uma vez.

O movimento da festa passava pelo corredor, através da biblioteca e na sala de estar, onde eu vi que meu pai ainda estava lá.

E Rachel tinha aparecido.

Já houve alguma coisa que você queria, mas só pudesse desejar, Jonathan?

Quem me dera não ter sido criado por pessoas loucas.

¹ Um veículo da GM, conhecido por ser um carro de guerra.

² Também conhecido como purificador, é um aparelho utilizado para fumar qualquer tipo de erva.

Algo para o futuro. Que você queira, mas não acha que você vai conseguir.

Sim, eu...

Não me diga. Isso vai estragar tudo.

Jessica estava longe de ser encontrada. Ela não respondeu meus sms ou chamadas. Margie, que a tinha levado para a “coisa de mulher” com outras três irmãs, disse que a minha noiva tinha deixado o spa em sua Mercedes uma hora antes.

— Será que ela teve um acidente?

— Eu não conheço o irmão mais novo, — Margie disse, pegando uma taça de vinho antes do primeiro convidado chegar. — Ela parecia bem. O de sempre.

— O que isso quer dizer? — Eu senti uma pontada de raiva. Sete Irmãs. Um casal estava destinado a não gostar da minha esposa.

— Charmoso e educado. Quente, mesmo. Mas não.

— Oi! — Leanne deparou com o quintal vazio, agarrando um copo tão logo o barman serviu. A esmeralda do vestido dela trouxe em evidencia o fogo em seu cabelo. — Você deveria ver as unhas de Jess. Ela fez uma francesa com um aerógrafo. Tão bonita.

— Você a viu lá fora? — eu perguntei.

— Nope. São essas as abotoaduras que você vai vestir? — Leanne fixou as flores em seu cabelo pelo reflexo da janela. Ela queria fazer roupas, então o pai tinha lhe comprado uma fábrica. Outra proposta de perder dinheiro. Ao lado da Deirdre, ainda devota, cronicamente poeta irlandesa deprimida, ela era a mais criativa na família.

— Não — eu disse. — Eu só as usei para ofendê-la.

— Ele quer saber como está a aparência de Jessica. — Disse Margie.

— Calma e controlada. Ela é uma rocha, você sabe. — Leanne apertou minhas bochechas. — Você fez bem.

Leanne, era habitualmente única em seus vinte e seis anos, porque ela era uma viciada em trabalho, não tinha nada a julgar, mesmo quando eu concordava com ela.

Eu tinha quinze anos, e Rachel era um ano e meio mais velha quando começamos a nos ver, se é o que você poderia chamar isso assim. Descrição era absolutamente necessária, de modo que ela não participava das festas da família. Eu não a queria perto do meu pai, ponto final. Fim. Ela sabia o porquê. Eu sabia o porquê. Ninguém mais sabia. Seu antigo caso com meu pai quando ela era muito jovem e impressionável para saber melhor que isso era um segredo comprado e pago com joias e eletrônicos. Eu mantive isso por ela porque ela queria que fosse assim, embora eu teria gostado de dizer ao mundo sobre que tipo de animal o meu pai era, e o acordo entre mim e algumas das minhas irmãs, era que a mãe iria entrar em colapso se, o que ela sabia em seu coração fosse confirmado. Meu pai era, até agora, o mais sortudo filho da puta do mundo.

Rachel e eu raramente éramos vistos juntos em público, a menos que ela fosse para o jogo de bola do Loyola, que eu lançava, ou se acontecesse de eu aparecer em uma peça de teatro que ela estava. Era difícil ficar longe dela, mas necessário. Nós não conversávamos sobre um futuro e da possibilidade de que pudéssemos participar da mesma faculdade, desde que ela conseguiu uma bolsa de estudos.

Nós nos conhecemos no meu carro, tarde da noite, depois de minha mãe estava desmaiada. Papai tinha ido embora muitas vezes e ele tinha que me deixar sair pela porta da frente de qualquer maneira. O pessoal não se importava, ou não esperava menos: um outro moleque rico irresponsável, numa sociedade cheia deles, escapando a se corrompendo nas noites da escola.

Rachel teve um tempo difícil. Ela tinha uma vida familiar difícil. Seu padrasto entrou em um único controle, o de trancar ela e sua mãe em casa durante a noite. As janelas tinham grades e as trancas tinham chaves que ele dormia. Em seu armário, Rachel encontrou um alçapão para o forro debaixo da casa. Eu a encontrava na esquina. Vendo sua caminhada até um bloco escuro naquele bairro, torcia o estômago em nós, sempre. Eu nunca me acostumei com isso. Normalmente, quando ela entrava no carro, eu ria liberando a tensão com a visão de teias de aranha em seu cabelo.

Ela frequentou Marlborough em um pacote de ajuda financeira pesado que ainda ia uma parte para seus pais, e que era obrigada a manter uma média de 3,75 ou enfrentar os cortes orçamentais e as precárias oportunidades educacionais da LAUSD. Ela estava na reta final. Esperta, diligente, estudiosa, e, sim, bonita, ela seria a primeira de sua família a frequentar uma escola superior e obter um diploma de médica. Eu a teria seguido em qualquer lugar. As escolas de administração eram de uma hora para outra, dúzias dela e meu pai me compraria entrada para a universidade que eu escolhesse, mesmo que eu nunca dissesse a ele por que fiz aquela escolha. Neste caso, Rachel e eu

escolhemos a Universidade da Pensilvânia e cruzamos os dedos, ela pela Escola Perelman de Medicina, e eu, por Wharton, um ano depois. Que era da liga Ivy, fácil para mim, e difícil para ela.

Tudo isso significava que ela não tinha tempo ou permissão para dirigir por aí na minha Mercedes, ou correr em quartos de hotel comigo. Mas nós éramos jovens e apaixonados, e na iminência de liberdade, ou em seu caso, a morte.

O que você entende como “desejo”, Rachel?

Gosto, quando você espera que você consiga algo que sabe que é impossível, mas de qualquer forma, espera.

Quem me dera eu poder estar com você como uma pessoa normal.

O que é normal para alguém como você?

O quintal zumbia com a atividade. Fiona, nunca perdia a oportunidade de um convite ao desprezo por Deirdre conseguir livros de mediunidades, leitores de tarô, curandeirismo por cristais e um hipnotizador para o coquetel.

Um grande piano preto de calda tinha sido levado para o pátio, junto com quatro músicos que o pai tinha arrancado de alguma escola de música no centro de LA arrumando suportes e instrumentos. Piano, dois violinos e um violoncelo. Exceto a primeira violinista que não estava afinando o violino. Ela estava afinando a viola. Não valia a pena fazer uma formalidade, exceto que ela era impressionante, com lábios carnudos e cabelos longos e escuros. Ela devia ter 1.55m de altura, com um queixo que apontava para cima como se desafiando o mundo a bater nela na mandíbula.

— Ela é magnífica, não é?

A voz do meu pai ao meu lado, admirando uma garota que estava, provavelmente, no segundo grau. Eu desviei o olhar rapidamente.

— Chave de cadeia pai. Já ouviu falar disso? — Eu me virei para encará-lo. Em seu final dos anos cinquenta, ele ainda era um cara de boa aparência. Seu cabelo vermelho tinha se transformado completamente prata, cinco anos antes, e ficou totalmente grudado a sua cabeça. As garotas amavam. E quando eu disse as garotas, eu quis dizer exatamente isso. Garotas.

— Você está me evitando. Eu estava procurando por algo em comum.

— Uh huh. — Eu não sei por onde começar com ele. Algo comum, conheço um, tivemos Rachel. Isso era estranho o suficiente. Olhei em volta. Estávamos relativamente sozinhos, uma mãe situação nunca deixa de lado uma situação quando pode.

Ele falou em voz baixa, quase sem mover os lábios. — Você nunca para de querer elas nessa idade. Todo homem sonha com o orvalho na flor.

— Você é doente.

— Você não estava apenas olhando para aquela garota? Ela não pode ter mais que quinze anos. Na noite de seu noivado, ao menos. É hora de aceitar a realidade, meu filho. A necessidade é biológica. Você pode lutar contra isso toda a sua vida se você quiser, mas vai ser uma luta.

Parecia que ele queria dizer isso para mim por um longo tempo. Como se fosse algum tipo de conversa grande que um pai dá o seu filho, e que tinha sido negado a ele pela minha prevenção e intervenção da mamãe.

— Nós não estamos tendo uma reunião de recordações de meninas menores de idade.

— Exceto de uma. — ele disse, como se tivéssemos uma pequena e deliciosa história compartilhada.

— Eu preciso de você fique longe da minha esposa, e se houver filhos, especialmente das filhas...

Ele expressou aquele olhar. Aquela como se estivesse sendo eletrocutado. Foi uma dura raiva dirigida para a frente. Eu só tinha visto isso uma vez antes, dias depois que eu descobri quem ele era e eu o vi tocando o braço de Theresa, enquanto falava com ela.

— Nunca presuma que eu não tenho limites, meu filho.

Assim como um animal, que não fica na merda onde come, ele nunca tinha tocado nenhuma das minhas irmãs, mas quando eu voei para ele que eu não sabia disso. Podemos ter sido equilibrados no dia em que colocou um toque casto em Theresa, mas na minha festa de noivado, eu era mais velho, mais alto, e tinha menos medo.

— Você nunca vai ficar sozinho com meus filhos — eu disse. — Esses são os meus limites. — Eu tomei um gole do meu uísque. É muito. A bebida nunca duraria se

eu continuasse fazendo isso. Mas eu precisava fazer mais do que deixar o líquido tocar meus lábios enquanto eu olhava para ele sobre o copo.

— Eu queria apenas fugir com a minha amante para algum lugar distante — eu disse, vendo mamãe vindo por trás dele — então não haveria problemas com a família de Jessica. Mas não foi possível. Sinto muito que você tenha sido insultado no processo. Verdadeiramente.

Ele sorriu, porque sabia que o tom mais gentil e a mudança do assunto deve ter vindo por uma razão. Ele e eu tínhamos chegado às vias de fato após o acidente de Rachel, e eu tinha tomado um punhado de pílulas. Mamãe não nos deixava sozinhos na mesma sala, se ela pudesse evitar. Nos últimos sete anos, ela teve que correr para uma interferência muito apertada. Eu tinha que admirar sua aversão ao conflito. Ele a mantinha em um estado de bem-aventurança, ignorando sua embriaguez que minhas irmãs e eu juramos proteger até a morte.

Papai aproveitou a oportunidade para bater palmas pelas minhas costas, assim como o quarteto de cordas começou a aquecer.

— Não se preocupe, meu filho. Não se preocupe. Foi apenas um negócio. Não se pode ganhar e fazer amigos, também.

Eu sorri, sem mencionar as dezenas de milhões em dinheiro como recompensa que o drenou ao ponto onde apenas os negócios obscuros se mantinham à tona. Não... Ele era todo sorriso quando a mãe chegou até nós. Papai colocou seu braço ao redor dela e eu fiz questão de apertar sua mão como um cavalheiro que ela iria aproveitar o resto da noite.

— Jonny! Junte-se aqui.

— Vamos lá!

— Isso está perfeito!

Era o som de um bando de irmãs. Quatro corriam em vestidos verdes de diferentes tonalidades e com seus coques cor de morango. Margie, Sheila, Leanne, e Theresa. Suas vozes se transformaram em uma conversa animadora.

— Você tem que ver o hipnotizador.

— Ele vai te relaxar.

— Você está muito tenso.

— Tenda indígena e índio!

— Ele só vai levar um segundo.

A bebida foi tirada do meu lado e eu me senti sendo puxado para um cara de chapéu e bigode sentado em uma das nossos espreguiçadeiras.

— Espere, espere... — Eu segurei minhas mãos em sinal de rendição.

— O quê?

— É divertido!

— Galinha.

— Bok bok bok.

Elas eram lindas, cada uma de minhas irmãs mais velhas. Uma enorme dor na minha bunda, cada uma de uma maneira diferente, mas todas preciosas. E irritantes.

— Eu preciso usar o banheiro. Se ele me relaxar demais, eu vou ter um problema, se você sabe o que quero dizer. Isso é tudo.

Margie, a mais velha e mais prática, que não acredita em nada, mas o dinheiro e a morte, assumiu o comando, me girando em meus ombros. — Vá. Então você volte aqui ou vamos te arrastar para uma purificação de cristais.

Fui até a casa, fazendo questão de não olhar para a deslumbrante morena tocando sua viola. Não foi fácil. Ela tinha o tipo de rosto que olhava. Mas eu olhei, e lá estava o pai, conversando com ela, se inclinando de uma maneira que parecia respeitoso e digno, fazendo-a confortável. Eu me perguntei se ele fez isso para me irritar, e depois lembrei que ele simplesmente e descaradamente gostava das merda das meninas jovem demais para beber legalmente. Não tinha nada a ver comigo. O que significava que eu seria incapaz de levá-lo para longe dela. Eu não poderia dizer: “Pai ok, você está certo, as meninas do ensino médio são quentes. Agora você pode se afastar?”, porque se não, ele as levaria para a cama, com certeza. Eu não poderia tentar cortar ou ele faria uma clara e corajosa competição de nossa busca. E eu não podia arremessa-lo através das janelas ou eu estragaria a minha própria festa, ou eu teria que explicar para a minha noiva que isso foi porque eu estava protegendo a honra de uma garota menor de idade que eu apenas olhei.

Eu tenho que passar por eles para entrar na casa. Eu precisava de outra bebida, mas a minha desculpa para Margie tinha sido real. No caminho para o banheiro, passei

pela sala, vi a pianista do quarteto. A loira com acne desbotada e uma estranha confiança melancólica.

— Com licença — eu disse.

— Sim?

— Sua amiga? Na viola?

— Monica?

— Diga-lhe que não flerte com os convidados e anfitriões. Entendeu?

Seu olhar passou de ofendida à curiosidade, quando ela esticou o pescoço para ver além das janelas da sala de estar. O criado para o quarteto estava prestes visível.

— Oh, merda.

— Estou falando sério.

— Ela não é bem assim, na verdade, — suas palavras corriam juntas. — Quero dizer, ela só começou a sair com meu irmão, mas ela não é de flertar assim com todos. Ela está sendo apenas amigável.

Preso entre o desejo de saber mais e o desejo de fugir, eu simplesmente caminhei rapidamente e rudemente pelo corredor antes que eu ouvisse uma palavra sobre essa mulher.

Menina.

Eu nunca me deixei apaixonar realmente por Rachel. Eu sempre me senti mal por isso. Eu a prendi, me protegendo a partir daquele momento que eu a via com meu pai no mesmo ambiente. Infelizmente, toda aquela emoção guardada não compensou. Na festa de Sheila, Rachel tinha aparecido com Theresa, e meu pai ainda estava lá. Quando os vi juntos, eu senti como se minha coluna estivesse sendo arrancada. Ela estava lhe dando uma reprimenda com o dedo estendido e boca exigindo algo com os dentes cerrados e intenso olhar ardente.

Ele tomou qualquer abuso verbal que ela estava servindo com o ar sério e com uma cara que não dava a mínima merda para ela. Este homem era impossível de compreender a menos que você o visse trabalhar em um quarto, seu apelo misterioso, do jeito que ele não se parecia com um homem de cinquenta anos de idade, em uma festa

cheia de crianças. A maneira como ele derretia em qualquer situação. O magnetismo que eu nunca entendi foi ilustrado uma e outra vez, mesmo que ele se recusasse avançar quando a mãe estava por perto, e sempre deixou em aberto um talvez assim quando ela virava as costas.

Quando cheguei mais perto deles, eu fiquei desproporcionalmente com raiva. Rachel não deveria estar lá. Essa era a regra, e estava no lugar, porque vê-la próxima do meu pai me fez considerar mata-lo a sangue frio, recolhendo a calma que me assustava.

Minha visão periférica fechou na sua enquanto eu naveguei pela multidão. Era possível que o múltiplo *Bong* estivesse me fazendo paranóico. Havia chance zero de perigo dela cair nas suas garras aqui, ou qualquer noite. Mas eu não queria que ele soubesse que eu estava um pouco caído de amor por ela. Eu não queria que ele tivesse informações que ele pudesse usar, porque ele usaria para me machucar. Ele mexeu os pauzinhos para manter Margie com um homem que o encontrou ameaçando, destruindo seu escritório de advocacia, em vez de tê-la trabalhar lá. Ele faria isso para mim, mas como o único homem de oito filhos, o dano viria mais rápido e eu sairia muito pior.

— Rachel — eu disse quando cheguei a ela. Seus olhos castanhos claros estavam com lágrimas, e sua linda boca cortada em uma linha de raiva. — Vamos lá, vamos embora.

Meu pai sorriu como se eu fosse resgatá-lo de um incidente embaraçoso.

E essa foi a última vez que eu me lembrava daquela noite.

Nas nossas costas, na grama de Elysian Park, onde minha família nunca nos encontraria, Rachel e eu olhávamos para as nuvens. Ela gostaria de saber o que seria ser eu. Ela pensou que eu não tinha uma preocupação no mundo. Sim, o meu pai era um maldito psicopata, mas ele não ficava com os dedos dentro de mim como o dela tinha, e ele não gritava, e batia e me trancava em casa como seu padrasto fazia. E para mim, o que eu suportei iria acabar quando meu fundo abriria suas pernas com vinte e um. Para ela, a luz no fim do túnel não tinha aparecido.

— Você deseja coisas que você não pode comprar? — ela perguntou.

Olhei para ela. Lâminas de grama sentou-se no meu primeiro plano de visão, cortando seu rosto, que foi se virando para mim. Seus olhos eram marrom tabaco, largo e leve, pegando o sol dentro deles. — Você está fascinada com o dinheiro — eu disse.

— Eu acho que estou. — Ela sorriu. — Te faz diferente, você sabe. Você é destemido. É emocionante, um pouco. Assistindo você é como ver alguém que realmente, verdadeiramente é livre.

Eu ri. Eu nunca me senti livre na minha vida.

— O que você deseja? — Perguntei. — Além do dinheiro.

— Você me faz soar como uma aventureira.

— Você é, mas você é terrível. Eu acho que mais alguns anos e você vai dormir com o cara certo.

Ela se jogou em cima de mim e apertou meus lados. Eu ri e a rolei até que eu a tive presa.

— Diga-me o que você deseja, e se for alguma parte do meu corpo, seu desejo se tornará realidade no Regency Hotel, em 40 minutos.

Ela riu e virou o rosto para a luz do sol. — Liberdade, Jonathan. Quero ser livre.

Eu liberei um de seus ombros para arrancar uma semente de dente-de-leão da grama.

— *Wow* — eu disse, segurando o talo branco na frente dela.

Ela soprou com força, e as sementes entraram em meu rosto. Nós rimos, e soprámos fora, o resto das sementes juntos, desejando-lhe liberdade das limitações de sua família e sua escassez. Elas flutuaram para longe em seus voos sinuosos, como pequenos mensageiros de Deus, dizendo: me leve, me leve, me leve. Liberte-me.

— Você é meu — disse Leanne, me puxando para o quintal.

— Será que ninguém teve notícias de Jessica ainda?

— Ela parou para pegar alguma coisa para você.

— Pepto Bismol, eu espero.

Alguns madrugadores se reuniram em torno do bar. Eu ficaria de plantão para felicitar os apertos de mãos mais rápido, então eu esperava que pudesse ficar hipnotizado em um estado de relaxamento feliz em cinco minutos mais ou menos. Parecia impossível.

Theresa, de pé com um grupo de mulher de verde, me acenou para ir até o homem em um paletó de lã e bigode.

Apertamos as mãos.

— David Mesmer é meu nome. Ouvi dizer que você está um pouco tenso?

— Mesmer, hein? Qualquer relação?

— Bisavô. Eu caí na profissão. Deite-se bem aqui.

O céu estava azul claro e sem sol como um dia escurecendo noite afora. Eu me senti ridículo deitado em uma espreguiçadeira em um terno formal. Eu me senti vulnerável e controlado por quatro das minhas sete irmãs. Eu temia que eu perdesse a chegada de Jessica se eu não estivesse ao lado da porta e se algum dos meus amigos me visse ficar hipnotizado e a gozação fosse me quebrar um osso.

— Vamos acabar com isso. — eu disse.

— Como um homem realmente ansioso. Você pode focar a sua mente sobre o que está fazendo você tenso? Eu vou fazer uma contagem regressiva a partir do dez.

O quarteto de cordas começou com Mendelssohn. Muito bom, mesmo para um grupo de adolescentes. Apesar de ser de uma escola talentosa, eu não esperava muito, especialmente a partir da viola. Ninguém poderia ser tão bonita e talentosa ao mesmo tempo. Mas sua música transmitia sua beleza, pois, com David contado a partir dos dez anos, eu não ouvi uma coisa maldita nos últimos cinco anos, exceto a viola como se não houvesse outro instrumento no planeta.

A chuva na noite da festa da Sheila estava perto ofuscante.

— Pare com isso! — Rachel gritou, tirando o casaco que eu tentei segurar por cima da cabeça dela. — Eu quero ficar molhada, é por isso que eu vim para a chuva. Para me molhar!

Joguei o casaco para o lado. — Você veio aqui porque eu vou te levar para casa.

— Você está louco!

Bêbado como eu estava, naquela noite, eu a levei na conversa como um observador frio e sóbrio. Na noite em que realmente aconteceu, o álcool havia me apagado. Eu não me lembrava de nada depois que Rachel viu meu rosto e se levantou. Minha memória

dos acontecimentos daquela noite terminou ali, e foram recontadas para mim pela mídia e pelo meus pais. A hipnose foi como assistir a um filme do meu ponto de vista.

— Estou cansada disso. — ela gritou. — Estou farta de você querendo saber onde eu estou o tempo todo. Cansada disso. Você é um maníaco por controle. Você é pior que o meu padrasto, você sabia disso?

Eu sabia que estava sendo hipnotizado. Eu sabia que o bisneto de Franz Mesmer tinha contado a partir de dez anos e meu corpo estava na minha festa de noivado, e eu também sabia que o filme estava prestes a jogar a parte em que eu perdi alguém que eu gostava.

— O que diabos você acha que estava fazendo ali? — Eu rosnei. Embora eu sentisse todo o pânico e medo que senti naquela noite, eu também era o meu eu mais velho, que sabia como tudo terminou.

Acalme-se. Obter o controle. Meu *eu* mais velho falou ao meu *eu* mais jovem com urgência, como se ele pudesse mudar alguma coisa.

— O que vai acontecer quando eu for para a faculdade? Você vai me dizer com quem falar a partir daqui? Devo manter um registro do que devo vestir? Bem, eu não vou. Nada. Nunca mais. — Os cabelos castanhos de Rachel estavam encharcados. Ela correu para fora em um agasalho leve, deixando sua jaqueta e bolsa para trás.

— O que você estava dizendo a ele? — Eu gritei.

— Você realmente quer saber?

Dei um passo para a frente. Eu já tinha 1,83 cm de altura, uma presença intimidante na classe, e na frente de uma jovem mulher na chuva.

Ela deu um passo para trás. — Eu não vou ter o suficiente para ir para Penn, então J. Declan Drazen está tossindo cada centavo, porra, ou eu vou dizer a todos que doente fodido você é.

Ela e eu éramos abertos sobre o quão doentes fodidos nós éramos. Nós até rimos sobre isso algumas vezes, mas eu sempre senti que ela estava falando dos meus pais. Desta vez, parecia que eu estava incluído. Parecia que ela ficaria mais do que feliz em me derrubar com apenas mais uma merda doente que deitava com ela. O que eu pensei que eu significava para ela? Será que ela pensa que eu a tinha usado? Ou foi o contrário?

— Não brinque com ele, Rachel. Você não pode ganhar.

— Eu não estou brincando. — Ela parecia mais do que nunca, uma mulher adulta, quando ela proferiu essas palavras. Ela realmente quis brigar com o meu pai.

Peguei as chaves do meu carro. — Eu vou te levar para casa.

Ela deu um passo para trás, sob a borda do beiral, onde a água escorria em fluxos concentrados mais largos. Uma espirrou em seu ombro, mas ela não percebeu ou não se importou.

— Eu sinto muito. — Sua voz falhou. — Não olhe para mim assim. Eu te amo, Jay.

— E eu sou apenas uma merda doente? Eu nunca te tratei com nada além de respeito?

— Há muita bagagem, Jonathan. Eu quero um namorado regular.

Eu congelei. O que ela quis dizer com isso? Ao invés de perguntar-lhe, na minha imaturidade e bebedeiras, avancei novamente.

Você está sendo ameaçador. Ela vai correr... ela vai...

Ela tirou as chaves do carro da minha mão.

— Me dê isso. — Eu agarrei ela, mas o meu equilíbrio estava fora, e eu estava lento.

Ela correu.

Corri atrás dela, mas as imagens ficaram nebulosas e indistinta.

Eu estava na calçada, olhando para o meu carro.

Eu estava em casa, buscando através bolsos do casaco.

Eu estava dirigindo em uma merda de tempestade de chuva.

Como? O que eu perdi?

Eu senti uma dor no meu ombro.

Eu estava no lado do motorista do carro. Estava escuro demais para distinguir muito mais do que o contorno das chaves. Elas pareciam se levantar de lado na ignição, desafiando a gravidade. Minha visão nadou. Em seguida, as chaves rodaram no chaveiro, apontando para o teto. Estranho.

Rangido.

Atrito.

Eu estava no chão. Eu ouvi o beep do sinal de aviso e vi o feixe de um único farol, mas tudo o que vi foi um carro ao seu lado, pronto para cair girando na enchente e sobre o Oceano Pacífico.

Ele rolou e caiu. Não havia nenhum respingo. Quando eu mexi até a beira do precipício, um carro foi lançado nas águas espumantes.

Eu ouvi o grito dela.

Rachel.

Tinha que ser. Ela deve ter ficado presa ao cinto de segurança no lado do passageiro?

Mas como?

— Rachel. — eu gritei. Que coisa mais ridícula de fazer. Eu mal podia me ouvir.

Eu mergulhei na água.

Fria.

Me tornei consciente da viola de novo, assim como eu engolia água e sentia uma dor aguda em meus pulmões. O meu verdadeiro *eu*, na minha festa de noivado, aos vinte e três anos de idade, que tinha o controle de sua vida, engasgou com o ar real e senti a água. Eu estava vindo de fora.

Mas ao 16 anos de idade, me acordei com grama fazendo cócegas no meu nariz. O mundo nadou como se eu estivesse montando nas xícaras na Disney. Abri os olhos. Mesmo na minha frente, tão perto que eu não tinha contexto, mas algumas folhas de grama, a escuridão da noite chuvosa, e minha própria náusea, era o rosto de Rachel. Ela também tinha seu rosto na grama. Seus olhos vidrados. Sua boca estava aberta. Seu cabelo preso no rosto com a chuva. Ela piscou os olhos, e uma lágrima caiu sobre a ponta do seu nariz.

Rachel, Rachel, sinto muito.

O som do quarteto completo soou como uma filarmônica, e eu sabia que estava fora da hipnose, um segundo antes que eu me fixei diretamente na minha cadeira. Jessica se sentou na beira da espreguiçadeira em um vestido de linho cru. A orquídea na mão correspondia a uma em seu cabelo louro. Ela deve ter comprado para a minha lapela no caminho de volta da manicure. Ela sempre pensava em tudo.

— Jon — disse ela, pegando a minha mão. — O que aconteceu?

— Você tem que me encontrar no caminho — resmungou David Mesmer.

— Jonathan — disse Theresa. — Deixe-me pegar uma bebida, meu Deus.

Vozes da outra irmã entrava na minha consciência. Jessica e eu olhamos um para o outro, apenas ouvindo.

— Você parece ruim.

— Nós realmente precisamos tentar a limpeza com a dama de cristal.

— Tinha um rapaz vindo com o vinho pelo caminho.

— Cristo, acho que metade de Stanford apenas apareceu.

Jessica deslizou sua mão entre as minhas e me puxou. Me levantei. Puxei ela para um canto tranquilo entre dois plantadores na altura do peito.

— Está tudo bem. — ela sussurrou.

— Eu não acredito em hipnose. — eu disse.

— Claro que não. — Ela apertou a orquídea na minha lapela e teceu um alfinete de três centímetros nela, fixando-a no meu casaco. Seus olhos me olharam desconfiados e com não pouco preocupação. — Mas parece que você acabou de ver um fantasma.

— Lembrei-me daquela noite. Coisas que eu não tinha lembrado antes.

— Aquela noite? Jon, realmente. Que noite?

— A noite que Rachel morreu.

Ela tocou meu rosto, e eu trouxe o meu braço em torno da cintura dela. — Me conte — disse ela.

Eu coloquei meus lábios perto de sua orelha. — Ela está viva.

— Como isso é possível?



— Eu me lembro. Eu acordei na grama, e ela estava ao meu lado. Seus olhos estavam abertos. Ela piscou.

Nada sobre a expressão de Jessica mudou no primeiro segundo, e eu a observava de perto. Eu precisava que ela me dissesse alguma coisa. Talvez me confortar, ou me dizer que eu estava errado. Talvez eu tivesse perdido um fragmento de evidência que provasse o que eu sempre soube. Que Rachel estava morta e enterrada, e cobertas com seis metros de terra por sua família.

Ela colocou a mão na minha lapela. — Você sabe, isso não é uma memória confiável, certo?

— Sim. Mas eu também sei que está certo. Claro como estamos aqui agora.

— Bem, então só há uma maneira de saber com certeza. — Ela apertou a minha mão e colocou os lábios no meu ouvido. — Nós vamos ter que encontrá-la.

A serpentina flutuava para baixo de uma árvore e caiu entre nós, enquanto o som do quarteto chamou a minha atenção de volta para a minha festa de noivado e para os convidados esperando.

Fim